

Apresentação completa, que não foi impressa, do livro

Judeus Cariocas

Série Imigrantes no Rio de Janeiro, Volume 2, 2010, ISBN 978-85-63437-03-7

Esse é um livro agradável de ler e repleto de interessantes informações sobre a história recente do Rio de Janeiro. Os autores garimpam aspectos curiosos sobre a ambiência em que viveram os imigrantes judeus provenientes de diversas partes do mundo e os seus descendentes por meio de entrevistas com dez judeus cariocas. Ou, como diz um deles - Jacob Kligerman – com dez cariocas judeus.

Como dirigente da Light, talvez devesse produzir um texto neutro, sem emoção, apenas explicando que a história da Light se entrelaça com a história de diversas comunidades de imigrantes que encontraram no Rio de Janeiro um bom local para trabalhar, prosperar, viver em harmonia e propiciar a seus filhos e netos a oportunidade de uma vida de boa qualidade. E que essa é a razão que motivou a Light e a Secretaria de Estado de Cultura a se interessarem pela edição de livros como *De pai para filho – Imigrantes Portugueses no Rio de Janeiro* (o primeiro livro da série) e agora desse igualmente bem executado *Judeus Cariocas*. Mas, nesse caso em particular, prefiro dar um testemunho pessoal.

Quando tinha 15 ou 16 anos, cheguei à conclusão que Deus não havia criado o homem a sua imagem e semelhança. Ao contrário, Deus seria uma criação humana. Suas variações de humor descritas na Bíblia – às vezes um pai severo, às vezes um pai compreensivo - seriam espelho da diversidade humana. No que me pareceu ser o melhor estilo científico, de quem tem um pensamento cartesiano, resolvi colocar a hipótese à prova. No dia de *Yom Kippur* – a data mais sagrada do calendário judaico, quando deve ser feito um jejum completo de 24 horas que não admite sequer a ingestão de água – não só quebrei o jejum, como fui à praia em Copacabana. A bandeira estava vermelha, indicando ondas de grande periculosidade. Embora seja um nadador medíocre, adentrei pelo mar, para além da arrebentação, onde as ondas se quebram. E lá fiquei por um tempo que me pareceu longuíssimo, subindo e descendo em altas vagas, pensando “se Deus existe, essa é uma excelente oportunidade para me aplicar exemplar punição”.

Felizmente, saí ileso da bravata. E, refletindo melhor, cheguei à conclusão que a experiência não era definitiva. Poderia sim ser a prova que Deus não existe. Mas poderia apenas significar que Ele existe e é bondoso e condescendente com a bravata de um jovem judeu. Ou ainda, que Ele existe, mas não tem vocação para bedel.

No fundo, a “experiência” visava não apenas testar a existência de Deus, mas também resolver uma questão que me angustiava: a minha relação com o judaísmo. Se Deus não existisse, então toda a história judaica não passaria de um trágico equívoco que só teria produzido uma longa cadeia de martírios, culminando com o genocídio nazista. Sentia que eu e os meus havíamos escapado por um triz de passar por atrozes sofrimentos. Como se de tempos em tempos um dardo fosse lançado de forma aleatória para atingir tragicamente uma comunidade e uma geração de judeus. Apenas uns poucos anos antes de meu nascimento o mais devastador desses dardos havia atingido a Europa, de onde haviam partido os meus avós.

Pensava que considerar a história judaica como grande equívoco não resultaria em grande prejuízo para Humanidade porque o que o judaísmo tinha produzido de melhor ao longo de 30 séculos – a valorização do estudo, o conceito de amar ao próximo como a si mesmo, o exercício da solidariedade social e a importância do núcleo familiar – tinha também sido produzido por outros povos ou havia sido absorvido por não judeus ao longo do processo civilizatório. O que permanecia como especificamente judaico não teria maior relevância.

Mas, minha “dúvida existencial” não terminou porque, na realidade, a alternativa de rejeitar o judaísmo parecia-me escapista. Como se significasse uma ocultação de minhas origens. Definitivamente, esse não era o caso. Procurei outras formas de “ser judeu”.

Não tive formação religiosa. Em criança, a minha família ia ao Templo da Rua Tenente Possolo (Centro do Rio), apenas em *Rosh Hashana* e em *Yom Kippur*. Cheguei a me interessar pela vertente religiosa do judaísmo, mas logo abandonei o esforço por absoluta falta de convicção nos axiomas sobre os quais se apóia a fé, não importa qual a religião. Lembro que a leitura do

livro “Religião – Prós e Contras”, de Antônio da Silva Mello, me influenciou fortemente.

Sendo o judaísmo-religião uma opção de pouco interesse para mim, voltei-me para o sionismo. Deve ter contribuído para isso o forte sentimento pró-Israel que existia em minha casa. Comecei a participar de algumas reuniões organizadas por um movimento juvenil sionista-socialista, o *Irgun Maguen Yehudá* – IMI. Embora fosse uma organização criada no Rio de Janeiro, seguia a sistemática de atuação das organizações juvenis européias da década de 30. Oferecia-se aos adolescentes que se juntavam a essas organizações o conforto do “pertencimento” a uma irmandade dotada de relevante missão histórica. No caso do IMI, essa missão era emigrar para Israel e lá promover a revolução socialista. Passados mais de quarenta anos, após a queda do muro de Berlim, essa missão parece, no mínimo, esdrúxula. Mas na época, e para quem buscava uma direção na vida numa fase biológica em que se abandona o ninho familiar, não parecia.

Não fiquei muito tempo no IMI. Mas foi lá que conheci a Celeste, com quem estou casado há quarenta anos, e que adquiri uma visão idílica de um mundo socialista com menos desigualdades e mais solidariedade. Visão que embora tenha sido temperada ao longo das décadas por sucessivas decepções históricas e por um melhor conhecimento da natureza humana, nunca deixou de pautar as minhas atitudes éticas.

Um par de anos depois, quando já estava no Instituto Militar de Engenharia – IME, cheguei à conclusão que fazia mais sentido trabalhar pela revolução socialista no Brasil do que em Israel. E deixei de me interessar intensamente pelo sionismo, com uma única exceção. Em 1982, após a guerra entre Israel e as forças palestinas sediadas no Líbano, escrevi um artigo intitulado “Estado Palestino é a única saída para Israel”, publicado pelo Jornal do Brasil. Pouco depois de me formar em engenharia abandonei a ideia da revolução socialista. E na esfera judaica tenho limitado o meu interesse aos aspectos históricos. Mas não rompi com os aspectos mais tradicionais da religião, como a realização em nossa família do *Brit-Milá* e do *Bar-Mitzvá*.

Como a maioria dos entrevistados, nunca passei por qualquer constrangimento pela minha condição de judeu. Penso que o Brasil é campeão mundial em harmonia entre comunidades de diferentes origens. Como exemplo, é folclórica a boa convivência entre comerciantes judeus e árabes no SAARA, uma zona de comércio do Rio, localizada perto da sede da Light. Não apenas porque o Brasil foi durante muitas décadas um país de imigrantes. Os Estados Unidos e muitos outros países das Américas também o foram. Mas, principalmente, porque no Brasil, ao contrário do que nos demais países, ocorreu intensa miscigenação por conta da colonização portuguesa.

Na realidade, o único episódio que vivi de discriminação por ser judeu ocorreu fora do Brasil e foi uma “discriminação positiva”. Mas não gostei: no primeiro trimestre de meu doutorado no Colorado (EUA) tirei notas muito boas. Um professor racista enrustido ficou surpreso que um latino pudesse ir tão bem. Quando soube que eu era judeu comentou com a secretária que na realidade eu não era um autêntico brasileiro. Fiquei indignado e educadamente procurei-o para dizer que sim eu era um autêntico brasileiro, como são os descendentes dos índios e dos imigrantes portugueses, negros, italianos, alemães, poloneses, japoneses, judeus e de muitas outras origens, que misturaram suas características étnicas, culturais e religiosas para forjar um país do qual todos nos orgulhamos.

Agradeceria a meus avós, se estivessem vivos, pela sábia decisão de deixar a Bessarábia (hoje Moldavia) e partir para essa terra abençoada por Deus e bonita por Natureza. Que beleza!

Jerson Kelman

Diretor-Presidente da Light